

GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: elementos para repensar a atuação do professor face as mudanças tecnológicas no atual contexto

O estudo em referência tem como objetivo principal desencadear uma discussão das questões históricas da globalização e da educação, bem como uma reflexão sobre a imperiosa e premente mudança na atuação e qualificação do professor frente as novas bases tecnológicas no mundo globalizado. Uma breve retrospectiva histórica torna-se importante para demonstrar, entre outras, a interligação da educação com o processo da globalização, bem como a influência da mesma na formação do homem autônomo, crítico e reflexivo, exigências do mundo atual.

PALAVRAS-CHAVES: Globalização, educação, tecnologia e atuação do professor.

Como educadora atuante, tenho testemunhado, no exercício diário em sala de aula e no convívio direto com as instituições voltadas à educação, da urgente necessidade de mudanças no processo ensino-aprendizagem, no sentido de adequá-lo à realidade da globalização, com seus reflexos nos campos tecnológicos da comunicação e da informatização. Percebe-se que nesse final de milênio o paradigma mudança deve ser o norte da educação, "a única coisa permanente hoje é a mudança; não é possível para um educador ou instituição educacional ficar parado sem atualização constante". (LITTO, 1997, p. 1) A continuidade de um ensino reprodutivista, mnemônico não é mais viável, mas sim uma educação voltada à construção do conhecimento, através de um ambiente prazeroso, crítico e participativo. Assim sendo, o objetivo desse é desencadear uma discussão histórica sobre a globalização e a educação, trazendo dados que possam contribuir com o debate educacional, pontuando esses como elementos necessários na compreensão dos fundamentos da sociedade global tecnológica, suas contradições e possíveis alternativas de superação do estágio atual em que se encontra a atuação e a qualificação dos profissionais em educação.

A perspectiva metodológica define-se como uma pesquisa teórica de análise documental (LUDKE & ANDRE, 1986, p. 38) selecionando-se livros, revistas, jornais, relacionados com a temática; globalização, educação, tecnologia e atuação do professor.

A problemática centraliza-se em: Como repensar a atuação do professor tendo como elementos a educação e a globalização frente as mudanças tecnológicas no atual contexto?

Hoje globalização é um tema centralizador de discussão em todas as instâncias podendo-se registrar que a mesma não chegou por acaso nesse final de milênio, mas teve uma trajetória que culminou na integração do mundo como um todo, onde a tecnologia passa a ser o norte desse desafio. Hoje basta postar-se diante de um televisor que o homem não se contenta apenas com um canal, inconscientemente, já está globalizado, sofrendo "a síndrome do dedo", em que a troca de canais é uma constante para se manter em sintonia com o mundo. O avanço tecnológico da comunicação, a nível planetário, torna a globalização um processo irreversível e Lúcia Santaella, comunicóloga e semiótica esclarece a globalização partindo do pressuposto de que:

globalização é uma questão de ordem comunicativa. Não apenas parece ser verdadeiro que a globalização, sobre todos os seus aspectos, econômico, político, cultural, estético, não teria sido possível sem as tecnologias da comunicação, quanto também parece ser verdadeiro que, quando observado a luz das tecnologias da educação, o fenômeno da globalização teve início muito, muitíssimo mais cedo do que podemos imaginar a primeira vista. Os primeiros germes dos processos hoje onipresentes da globalização já estavam plantados nas primeiras e longínquas imagens de Lascaux e Altamira. Desde que o homem foi capaz de projetar um produto mental para fora de seu corpo deu-se por iniciado um processo ininterrupto e crescente de extra-somatização do seu cérebro e memória. (SANTAELLA, Anais 97, p. 28)

Nessa direção é possível verificar que no momento que uma determinada civilização passa a exercer a hegemonia política, econômica e cultural sobre outros povos ela já se encontra em processo de globalização. A medida em que se busca a essência desse processo, registra-se que o período áureo deu-se com os Macedônios, através de Alexandre Magno (356 - 322 a. C.) com o Helenismo, e mais tarde com os Romanos, época da República e Império "Mare est Nostrum" que buscaram dominar o mundo mediterrâneo. Aqui cabe destacar a pessoa de Jesus Cristo que surge como personagem histórico, onde o tempo torna-se linear e apocalíptico, mudando os rumos da história em que a Igreja Cristã passa a deter o monopólio do saber e da cultura, globalizando através da missão evangelizadora "Ide e Ensinai o Evangelho a Toda a Criatura" (MARCOS, 16 - 15) máxima que irá se concretizar na Idade Média, através da conversão dos povos bárbaros. O teocentrismo cristão se faz sentir em todas as instâncias no período medieval e percebe-se que a globalização é um processo de dominação ideológica na história,

ora se concentra no campo político, ora no econômico e ora no religioso, onde a sociedade sofre com os poderes de uma ideologia hegemônica que produz efeitos irreparáveis, pois a medida que o mundo científico e tecnológico avança historicamente, a globalização aumenta, mudando a maneira de ser, pensar e agir de uma sociedade.

Com o movimento das Cruzadas (século XII), a igreja possibilita o surgimento de um novo elemento globalizador, a economia capitalista, que irá nortear o mundo a partir das Grandes Navegações (Século XVI).

As mudanças que irão cobrir o globo partem de um mercantilismo capitalista, onde as metrópoles passam a exercer a autonomia absoluta sobre as colônias e a produção se faz mediante a exploração da mão-de-obra, que "ao expandir-se, o capitalismo subjuga, destrói, integra, mantém ou recria outras formas de organização social e técnica de produção". (IANNI, 1985, p. 29) Evidencia-se na trajetória do capitalismo, como elemento econômico globalizador que o mesmo desencadeia e realiza uma Revolução Industrial (Século XVIII), ganhando força a partir de um desenvolvimento continuado de mecanização na indústria - Fordismo casado com o Taylorismo - na busca constante do aumento da produtividade e concentração de grandes capitais na mão de uma minoria que se expande e se mundializa através do mercado e de novas tecnologias.

A rigor a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo. Um processo histórico de larga duração, com ciclos de expansão e retração, ruptura e reorientação. Assim se caminha do século XVI ao XX, passando pelo mercantilismo, acumulação originária, o absolutismo, o despotismo esclarecido, as revoluções burguesas, os imperialistas, o terceiro mundismo, e a globalização em marcha nesta altura da história". (IANNI, 1996, p. 55 - 56)

Atualmente a globalização financeira alcançou um patamar irreversível, sendo dominada por uma avalanche de medidas imbuídas de uma ideologia econômico-política que diviniza o lucro, sacraliza o mercado e endeusa o consumo, provocando uma concorrência desenfreada e desumana e, devido a falta de qualificação profissional gera desemprego e exclusão social. Percebe-se que a globalização que teve seu princípio, como bem enfatiza SANTAELLA (1997), nos primórdios da humanidade, chega hoje em plena véspera do terceiro milênio como um processo em marcha, onde a tecnologia das comunicações está cada vez mais alicerçada nas máquinas, permitindo que os interesses econômico-políticos, apropriem-se dela segundo seus megaplanos hegemônicos.

Neste processo histórico da globalização, é possível repensar o processo educacional que acompanha esse poder hegemônico globalizador. Isso evidencia-se à medida que o homem desenvolve a capacidade de pensar e de lutar pela superação de suas necessidades vitais, que tem como principal ferramenta a utilização de suas próprias mãos. Mãos que geram o TRABALHO - mola propulsora a caminho da civilização. Percebe-se que a educação nasce a partir de um processo comunitário coletivo embasado no ensinar aprender, e que no mundo primitivo se dava pela imitação dos adultos, "A formação é integral - abrange todo o saber da tribo - e universal, porque todos podem ter acesso ao saber e ao fazer apropriados pela comunidade". (ARANHA, 1996, p. 28) É destaque nas sociedades tribais um saber acessível a qualquer pessoa; já nas civilizações da antiguidade, a partir da formação das classes sociais, o privilégio do saber pertencia a classe dominante, sendo o processo educativo alicerçado por meio da inculturação do poder de mando da classe dirigente. Nessa fase a ordem é guerrear para dominar (globalizar) "conviver em guerra poderia trazer a morte, portanto, o treinamento dos guerreiros é uma escola, isto é, um ambiente separado para os adolescentes". (MANACORDA, 1989, p. 29) Isso se verifica tanto no Oriente como no Ocidente. A educação estava voltada para a arte da guerra e para atividades econômicas de produção, influenciadas pela religião. O ensino é mnemônico, fundamentado na escrita pela reprodução de textos sagrados.

Com os gregos destacam-se os sofistas responsáveis pela elaboração e legitimidade do ideal democrático da classe dominante, por meio da palavra e da oratória. Acentuaram o valor humano, organizaram métodos de educação para a vida pública, "foram os fundadores do intelectualismo, individualismo e do subjetivismo na educação, com todos os benefícios e prejuízos produzidos por esses conceitos". (LUZURIAGA, 1990, p. 46) Com Sócrates se desenvolve o princípio pedagógico através da maiêutica, iniciando uma educação humanista que, pelo diálogo, leva o homem a descobrir as verdades fundamentadas nos ideais da moral, do espiritual e da ética. A filosofia grega é o marco histórico da educação uma vez que ela é perturbadora da paz, está constantemente a procura do homem, daquilo que ele faz, do que diz e do que observa. Com os gregos o saber torna-se de caráter universal, global.

Com os Macedônios, a educação atinge um estágio de globalização cada vez maior através do Helenismo. Essa fase educacional se define pelas sete artes liberais: Humanas (gramática, retórica e dialética) e Científicas (aritmética, música, geometria e astronomia). Essa educação será incorporada pelo domínio da civilização romana (por mais de um milênio) e mais tarde com o declínio desta, a educação passa às mãos da igreja cristã que torna-se a maior instituição feudal da Europa ocidental. Atingindo assim todos os níveis da sociedade e inculcando no homem medieval os valores cristãos. Desencadeia-se um processo de exclusão do saber, onde apenas o clero terá o privilégio do conhecimento. Tem-se "uma educação para o povo, que consistia numa educação catequética, doqâmica, e uma educação para o clérigo, humanista e filosófico-teológica". (GADOTTI, 1993, p. 52)

A partir das Cruzadas o Teocentrismo Cristão vai perdendo força devido ao comércio no mediterrâneo que agora ressurgiu nas mãos da classe burguesa, mudando os rumos da educação. Surge uma "nova concepção de homem e de mundo, baseada na personalidade humana livre e na realidade presente" (LUZURIAGA, 1990, p. 93), realidade essa que é fruto dos grandes acontecimentos da época como: Renascimento cultural; Descobrimto da América; Revolução comercial; Absolutismo; Reforma e Contra-Reforma Religiosa; fazendo com que o homem envolto por essa gama de movimentos globalizadores, busque uma adaptação aos novos rumos da economia, da política, da religião e da educação.

Ao longo da Renascença o homem passa a modificar a sua maneira de ser, pensar e agir influenciado pelo surgimento de teorias políticas, econômicas, religiosas e educacionais, que contrárias ao critério da fé e da revelação, desenvolvem uma mentalidade crítica pelo uso da razão, possibilitando o discernir, o distinguir e o comparar. Emerge um capitalismo comercial que ora se firma como economia global frente ao espaço físico geográfico em que a tecnologia alcança - Europa-América-África -. "Do séc. XVI ao séc. XVIII os artesãos independentes da idade média tendem desaparecer e em seu lugar surgem os assalariados, que cada vez mais dependem mais do capitalista-mercador-intermediárioempendedor". (HUBERMANN, 1964, p. 133)

No cenário de grande turbulência social, os iluministas dão sustentação teórica para que os princípios da liberdade, fraternidade e igualdade sejam conquistados pelo povo e seus efeitos se fazem sentir a partir de movimentos revolucionários que vão eclodir na Revolução Francesa (1750), e na Revolução Americana (1771), e na Revolução Industrial (1750). A Revolução Francesa passa a ser o referencial teórico para as mudanças educacionais que se alastram pela Europa e pela América. Cai o absolutismo e a burguesia assume o poder estabelecendo-se o controle civil na educação, por meio da Instituição do Ensino Público Nacional.

Se o século XVIII foi o período da Revolução Burguesa, o século XIX marca a consolidação do poder da burguesia, onde o contraste entre ricos e pobres, causado pela Revolução Industrial torna-se alarmante, "a burguesia não podia recusar instrução ao povo, na mesma medida em que fizeram a Antigüidade e o Feudalismo. As máquinas complicadas que a indústria criava não podiam ser eficazmente dirigidas pelo saber miserável de um servo ou de um escravo". (PONCE, 1985, p. 145)

Acentua-se o dualismo na educação, e o momento exige um repensar para a qualificação do trabalhador e, novamente é exigido da escola, uma vez que se acreditava ser ela a instância primeira a formar o cidadão para a vida social e política.

Para que se entenda melhor a educação do século XX é mister que se faça a abordagem histórica a saber: após a colonização da África e da Ásia, verificada no século XIX e que decorreu da política imperialista do capitalismo, vê-se que no continente europeu a livre concorrência dá lugar ao capitalismo de monopólios acentuado no século XX a concentração de renda e as desigualdades sociais, culminando com a primeira grande guerra (1914 - 1918). Eclode a revolução russa (1917), que instaura o governo socialista. Tem-se a crise econômica de 1929, A gravidade da depressão econômica obrigou os EUA a implantar o Capitalismo de Organização com medidas voltadas ao social. Em 1922 o fascismo de Mussolini na Itália; o nazismo de Hitler na Alemanha (1933); a ditadura de Franco na Espanha (1936); a ditadura de Salazar em Portugal e no Brasil com a Ação Integralista e o Estado Novo da Era de Getúlio Vargas. Após a segunda grande guerra (1939-1945), fortalecido pelo poderio atômico, demonstrado em Hiroshima e Nagasaki, os Estados Unidos da América assumem, definitivamente, uma posição de hegemonia na economia mundial.

Por outro lado a União Soviética, também amparada no poder bélico e atômico expande a sua influência, gerando desse confronto a guerra fria que tanta insegurança trouxe ao mundo, até que, na década de 50 surge o início de entendimento entre os EUA e a União Soviética para uma fase de coexistência pacífica.

O fortalecimento do capitalismo levou a expansão das multinacionais que se instalaram em países não desenvolvidos afim de explorar a mão-de-obra barata, agravando o problema nos países, cujas economias tinham sua base na agricultura.

Mesmo com a criação da ONU em 1945 com objetivos voltados à defesa dos direitos humanos, sucederam-se muitas lutas, como a guerra da Coréia (1950 - 1953), a do Vietnã (1961-1975), o conflito Irã-Iraque (1980) e a guerra do Golfo (1989).

O desentendimento entre a União Soviética e a China, a crise do Sindicato Solidariedade na Polônia e as críticas da rigidez do marxismo dão início a ruptura do bloco composto pelos comunistas, o que conduz a queda do muro de Berlim em 1989, representando, a partir daí, uma fase de abertura democrática e de reestruturação histórica. A Rússia desintegra-se em 1991 e enquanto esses acontecimentos desenvolvem-se, vê-se que nos países de economia capitalista, reforçam-se as práticas de neoliberalismo, que visa retirar do Estado as funções assistencialistas assumidas na década de 30. Paralelo a tudo isso são notáveis as transformações desse século, ocorridas na Ciência e na Tecnologia, tais como as novas fontes de energia elétrica, petrolífera e nuclear; o crescente processo de

urbanização; a automação nas fábricas e nos campos; o avanço na medicina; a Revolução nos transportes e nas comunicações como: telégrafo, telefone, rádio, cinema, televisão e microcomputador; a aceleração do processo de comunicação em massa.

Com o efeito da cibernética transformando a sociedade, chega-se ao final do século com a sociedade de consumo e da opulência se contrapondo fortemente ao horror da fome e da miséria, presente de maneira acentuada em muitas partes do Globo. Esse cenário, certamente, leva a uma reflexão no sistema educacional. "Nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação". (FREIRE, 1996, p. 109-110)

É notório que neste século não se pode fugir de uma verdade, onde mais do que nunca, o ensinar exige do educador a compreensão de que a educação é uma maneira de intervenção no mundo, que bem pode servir de reforço à ideologia dominante como também, de desmascaramento da mesma. Observe-se ao que MANACORDA (1989, p. 360), salienta: "Se o fato educativo é um politikum e um social, conseqüentemente, é também verdadeiro que toda situação política e social determina sensivelmente a educação: portanto, nenhuma batalha pedagógica pode ser separada da batalha política e social".

É mister salientar que muitos teóricos não mediram esforços para alcançar a democratização do ensino, mas isso ainda não foi concretizado, embora nesse século a escola tenha experimentado um aumento considerável de estabelecimentos escolares como, também, um aumento significativo no número no número de vagas, mesmo assim não se pode falar em democratização efetiva. Isso deve-se não só, mas também ao papel e atuação profissional do professor em sala de aula que desconsidera as questões de ordem política, econômica, neoliberal e tecnológica. Daí o repensar nos rumos que a educação deverá tomar no sentido de nortear a formação do novo educador para o novo milênio, onde o conhecimento será categoria fundante e que contrasta com o atual momento porque passa o profissional da educação que, a nível mundial, acha-se em crise. É o chamado "mal-estar docente", devido a rapidez com que o mundo está a se desenvolver por meio dos avanços tecnológicos globalizados. Concomitante têm-se a crise de valores sociais, morais e éticos, criando no educador uma ansiedade cada vez maior face a sua desqualificação e impotência frente a fertilidade virtual-tecnológica que o educando tem ao seu alcance fora da escola, via o mundo da mídia (TV), via Internet no processo informatizado da sociedade globalizada da comunicação.

Tendo em vista o exposto, questiona-se: Como repensar a atuação do professor frente as mudanças tecnológicas que o mundo globalizado apresenta? Quem é o educador que emerge desse mundo hoje como aldeia global?

Paulo Freire (1996) preconiza que o ato de ensinar exige: pesquisa; respeito; criticidade; estética e ética; reflexão crítica sobre a prática; consciência do inacabamento; respeito a autonomia do ser do educando; bom senso; apreensão da realidade; alegria e esperança; a convicção de que a mudança é possível; curiosidade e segurança; comprometimento; compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos.

Este final de século exige das Instituições Educacionais um repensar coletivo que envolva a comunidade escolar para a melhoria na qualidade da educação. Mas acima de tudo o professor necessita ter uma postura reflexiva-crítica, uma postura de professor pesquisador. Deve ter o manejo dos recursos eletrônicos onde o conhecimento das novas tecnologias vá além do computador, TV e rádio. Ao educador não basta para a sua qualificação profissional apenas a titulação que lhe é exigida por lei, deve saber lidar com os conflitos gerados pela insegurança desse final de século. Ele deve brigar com idéias, sem brigar com pessoas, e mostrar, a partir do diálogo, como a tecnologia pode ser um instrumento a favor do processo ensino-aprendizagem, no qual o professor deve ser um mediador no ato de ensinar e aprender.

Hoje a tecnologia nos coloca sob o olhar crítico de uma educação problematizadora, dialógica e interdisciplinar. Não há mais lugar para uma educação fragmentada. O mundo exige uma educação holística, pois "não apenas cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, mas o mundo enquanto todo está cada vez mais presente em cada uma de suas partes". (MORIN & KERN, 1995, p. 35) Cabe aqui salientar o pensamento de DEMO (1995, p. 212) quando afirma que "a educação, ciência e tecnologia são os móveis mais decisivos das mudanças estruturais sobrevindas neste final de século", e nesse sentido torna-se necessário que se construa uma didática fundamentada no aprender a aprender, no saber pensar, no saber informar-se e no saber refletir e questionar a informação diária que a tecnologia da comunicação proporciona. Por isso é fundamental que o educador perceba e aceite que o acesso ao conhecimento é ilimitado, e que o aluno tem autonomia para buscar o saber que hoje o mundo lhe oferece. Urge salientar que a máquina não exclui o professor da sua função, pelo contrário, é preciso que o educador se conscientize do seu valor como facilitador, guia e orientador no ato pedagógico onde a máquina será um instrumento de trabalho no processo do ensinar e aprender.

Hoje a metodologia, a gênese do conhecimento passa pelo viés do construir, do criar, do deixar

fluir o imaginário, onde aluno e professor interajam pela troca de experiência na construção do saber. O mundo se apresenta num processo constante de mudança, e a escola não pode ficar estática. É necessário que o ambiente escolar seja um espaço prazeroso, alegre, dinâmico onde o aluno e o professor participem desse mundo que está em movimento, como agentes construtores e transformadores da sociedade. É mister que a escola busque encontrar com o prazer audiovisual a forma mágica de registrar a alegria da relação humana professor/aluno, no ato pedagógico. Os educadores que já se qualificaram tecnologicamente, sabem com que renovado interesse são saboreados os conteúdos, que antes eram tolerados e decorados sem serem entendidos e construídos. Atualmente a qualificação do professor também está no exercício virtual da cidadania, onde necessita desenvolver a capacidade de leituras plurais das informações que através da mídia bombardeia diariamente a sociedade. A educação que se prepare, pois o mundo que surge.

é um desafio, porque o universo do conhecimento está sendo revolucionado tão profundamente, que ninguém vai sequer perguntar à educação se ela quer se atualizar, a mudança é uma questão de sobrevivência, e a contestação não virá de "autoridades", e sim do crescente e insustentável "saco cheio" dos alunos, que diariamente comparam os excelentes filmes e reportagens científicas que surgem nas televisões e nos jornais, com as manjadas apostilas e repetitivas lições da escola. (DOWBOR, 1998, p. 2)

O momento foi para repensar e questionar: Como está sendo a atuação do profissional em educação, frente ao mundo tecnológico desafiador?

Certamente que, lidar com o pluralismo nesse final de milênio, é um grande desafio. Vivenciar uma cidadania vigilante através do exercício de adaptação entre os desejos do eu pessoal e do eu social, é outro grande desafio do educador. Aprender a respeitar e a conviver com as diferenças que o mundo apresenta é talvez o maior legado que o professor pode deixar para o educando, principalmente nesse momento em que,

a globalização é em geral vista como um fenômeno econômico que deve ser combatido pelas suas conseqüências nocivas para os países pobres em vias de desenvolvimento. É apresentada ainda como um fenômeno que se contrapõe aos laços de solidariedade social existentes nos planos local e nacional. (VIEIRA, 1997, p. 70)

Cabe, com certeza, ao educador na sua prática pedagógica, uma reflexão sobre a realidade política e econômica da sociedade, conforme GADOTTI (1985, p. 79) "não basta sermos competentes para que sejamos educadores. É o grau de consciência política que define se somos ou não educadores". Assim sendo, torna-se possível uma educação transformadora, no momento em que o espaço escolar seja o palco de idéias a serem discutidas e questionadas pela comunidade escolar na busca e no compromisso da preparação de um aluno autônomo, onde o processo educacional conduza-o a substituir a memorização de fatos ou respostas corretas pelo desenvolvimento de suas potencialidades, despertando no educando a capacidade de pensar e expressar-se com clareza; de solucionar problemas; de tomar decisões adequadas, bem como, de desenvolver outras formas de inteligência que possibilitem ao mesmo uma visão holística do conhecimento humano e do universo em que habita. Ao novo educador-guia-facilitador-mediador-parceiro, na busca do saber, as palavras de ordem passam a ser com certeza: flexibilidade, interatividade, reflexibilidade social, criatividade, autonomia, criticidade, desterritorialização, integração mundial e modernidade técnica.

É preciso certamente deixar-se desafiar como profissional da educação frente ao mundo globalizado, onde a adequação não poderá se excluir desta realidade histórico social, que já se está interagindo para conectar na escola formal e informal, uma atuação que não se tem mais dúvida, exige uma qualificação técnico-tecnológica, científica, artística e ética frente ao mundo global e a educação.

Referências Bibliográficas

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. 2ª São Paulo. Moderna. 1996. p. 255.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Ed. Vozes Ltda, 1995, p. 272.

DOWBOR, Ladislau. **A Tecnologia e os Desafios da Educação**. Porto Alegre, 1998, texto mimeografado, p.3.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á Prática Educativa**. São Paulo, ed. Paz e Terra, 1996, p. 165.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas**. São Paulo, Ed. Ática S.A., 1993, p. 319.

HUBERMANN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964, p. 339.

TANNI, Octávio. **A Sociedade Global**. 4ª Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1996. n. 196.

_____. **Dialética & Capitalismo. Ensaio sobre o Pensamento de Marx**. 2ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1985, p. 84.

LITTO, Frederic Michael. **Escola do Futuro – VIII Mergulho Tecnológico**. USP, 1997.

LUDCKE, Menga & MARLI E. D. A. André. **Pesquisa em Educação: Aborda seus Qualitativos**. São Paulo: EPU, 1986, p. 99.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Histórias da Educação e da Pedagogia**. São Paulo, 188 Ed., Companhia Editora Nacional, 1990, p. 285.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação. Da Antigüidade aos Nossos Dias**. São Paulo. Cortez Editora/Autores Associados, 1989, p. 372.

MORIN, Edgar & KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria**. Porto Alegre. Sulina, 1995, p. 192.

NOVO TESTAMENTO. Ed. Paulinas. São Paulo, 1979, p. 783.

PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. 5a. São Paulo. Ed. Cortez Autores Associados, 1985, p. 195.

SANTAELLA, Lucia. **Globalização e Multiculturalismo**. Anais AMPAP, 1997, p. 35 - 47.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. Rio de Janeiro. Record, 1997, p. 141.

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2000 - Vol. 25 - Nº 01 > [Editorial](#) > [Índice](#) > [Resumo](#) > **[Artigo](#)**